

Anáforas e dêixis: semelhanças e diferenças

Alena Ciulla

Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: *This paper suggests a reorganization of different kinds of anaphora and deixis in the general table of referential expressions. While extralinguistic deictics do not refer to co-text, anaphorics find their sources in co-textual clues. Because they share with anaphorics the feature of referring to co-text, discourse deictics are in an intersection zone between deixis and anaphora. Many other expressions are in this same hybrid condition, since they punctually recuperate elements of discourse through demonstratives and simultaneously operate a deictic procedure of marking intersubjectivity.*

PALAVRAS-CHAVE: *anáfora; dêixis; processos referenciais.*

1. Introdução

O processo de referenciação pode ser realizado tanto por elementos anafóricos quanto por elementos dêiticos. Porém, não há, na bibliografia, um consenso sobre a definição de quais expressões pertencem ao grupo dos anafóricos e quais pertencem aos dêiticos. E nem ao menos encontramos uma descrição que dê conta de todos os casos sem incorrer em contradição, pois mesmo entre os autores que reconhecem diferentes tipos de anáfora e dêixis, como Apothéoz (1995), os critérios utilizados para a distinção não são homogêneos e alguns subtipos – especialmente de dêixis discursiva, que é a que mais se assemelha à anáfora – são deixados de lado. Por isso, neste trabalho, com base em Ciulla (2002), definimos os elementos que se enquadram nos conceitos de anáfora e de dêixis e sugerimos uma reorganização dessas expressões a partir de critérios genéricos e homogêneos que servem de base para uma classificação que acolha o maior número possível de expressões referenciais.

A perspectiva que adotamos aqui para redefinir as diferenças e semelhanças entre a anáfora e a dêixis toma como base a posição de Mondada; Dubois (1995) e Apothéoz; Reichler-Béguelin (1995) – também seguida por Marcuschi; Koch (1998) e Cavalcante (2000), entre outros – para quem a referenciação diz respeito a um processo de construção de objetos cognitivos e discursivos que se realiza através de negociações e modificações efetuadas pelos sujeitos falantes à medida que o discurso se desenvolve. Sob esse ponto de vista, não há uma estabilidade *a priori* no mundo e na língua, pois os efeitos de objetividade e realidade que criam a estabilidade não são dados, mas sim frutos dos processos de interação entre os falantes.

2. O conceito de anáfora

A noção de anáfora tem sido relacionada a quatro características básicas: 1) retomada de um antecedente ou fonte; 2) presença de um elemento anaforizante e outro anaforizado; 3) correferência e 4) co-significação.

Quanto à primeira característica, consideramos que um anafórico não exige obrigatoriamente um antecedente, embora sempre faça remissão a alguma pista do cotexto que lhe serve de fonte para ser interpretado.

Com base no que acabamos de dizer, é preciso mencionar que, embora seja óbvia a presença de um anaforizante – que é o próprio elemento anafórico – para que haja anáfora, a noção de anaforizado não se restringe apenas ao antecedente (isto é, o termo com que o anafórico mantém correferência), mas deve ser estendida também ao conceito de fonte.

Marcuschi (2000) considera dois grandes grupos de anáfora: o das anáforas diretas, que são as situações de correferência ou de retomadas parciais, onde há processos de

reativação de referentes prévios; e o das anáforas indiretas, que, por não reativarem referentes, não estão vinculadas nem à noção de correferência, nem à de retomada, e ainda introduzem um novo referente no discurso. A relação de correferência, portanto, determina apenas um dos subtipos de anáfora. Cabe observar que este autor inclui as anáforas encapsuladoras entre as AI, mas nós preferimos considerar este subtipo à parte (conforme Ciulla, 2002).

Correferência e co-significação são fenômenos que costumam ser confundidos, mas, enquanto a primeira ocorre no universo da referenciação, a segunda se dá no nível do léxico. Ou seja, dois elementos são correferentes quando remetem a um mesmo objeto de discurso e são co-significativos quando possuem o mesmo significado lexical ou, pelo menos, um significado aproximado, já que a sinonímia perfeita é muito rara. Não nos deteremos nessa discussão, já que nem as anáforas correferenciais nem as co-significativas se confundem com os dêiticos.

Para definir a anáfora, portanto, elegemos a sua característica de não necessariamente recuperar um antecedente, mas depender sempre de pistas fornecidas pelo cotexto, que lhes serve de fonte.

3. O conceito de dêixis e a zona de interseção entre a anáfora e a dêixis

Os dêiticos são descritos pela literatura através das seguintes características gerais: 1) apresentam uma condição de subjetividade manifestada através do estabelecimento de um vínculo entre os participantes do discurso e a situação enunciativa; 2) são indicadores de ostensão, ou seja, indicam os limites do objeto referido no espaço e no tempo de acordo com o posicionamento do sujeito enunciativo no momento do ato comunicativo.

Porém, há diferentes formas de manifestar o traço de ostensão e de remeter ao sujeito do discurso, o que nos leva a identificar diversas situações de dêixis: de pessoa, de lugar, de tempo, da memória, as quais remetem à situação extralingüística¹, e a discursiva, que remete ao cotexto.

Além disso, Cavalcante (2000) identifica quatro subtipos de dêixis discursiva, de acordo com o espaço de remissão: são os *dêiticos discursivos situacionais*, que recuperam entidades já introduzidas no contexto e, ao mesmo tempo, mantêm um elo com o espaço extralingüístico; os *dêiticos discursivos físico-textuais*, que localizam porções do discurso de acordo com uma perspectiva horizontal ou vertical que se conceba do espaço físico do texto; os *dêiticos discursivos encapsuladores*, que simultaneamente encapsulam informações presentes no cotexto e remetem a algum conhecimento contido na memória dos interlocutores; e os *dêiticos discursivos da memória*, que encapsulam informações do cotexto e remetem a algum

¹ Quando nos referimos a objetos do espaço “extralingüístico”, estamos fazendo uma oposição entre objetos do cotexto e fora do cotexto. Ou seja, todos são construídos no discurso, porém, enquanto uns referem elementos já introduzidos no discurso, outros dizem respeito a entidades que não apareceram no discurso, mas são sugeridas pela situação enunciativa.

conhecimento contido na memória dos interlocutores.

Para que possamos completar a definição de dêixis, em paralelo com os critérios de retomada ou não de um antecedente e de remissão ao cotexto adotados para descrever a anáfora, podemos dizer que os dêíticos não recuperam elementos do cotexto, mas remetem ou a um elemento extralingüístico ou ao cotexto. Quando remetem ao cotexto, instituem novos referentes no discurso e mantêm o traço subjetivo característico do procedimento dêítico, que pode se manifestar de duas maneiras (não mutuamente excludentes): ou pela indicação da localização física de alguma porção do texto dentro da própria organização textual (como nos casos dos subtipos situacional e físico-textual), ou pela orientação dos focos de atenção do interlocutor (como nos casos dos subtipos da memória e encapsulador).

Porém, tais características ainda não são suficientes para distinguir a dêixis, visto que, se entrarmos em uma análise pormenorizada dos subtipos de expressões anafóricas e dêíticas, deparamo-nos com situações, como a seguinte:

- (1) A visão tradicional dos demonstrativos fundamenta-se na idéia de que estes têm por função indicar a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso, podendo **essa localização** ocorrer no tempo, no espaço e no discurso. (AAC02 – artigo científico - Prottexto)
- (2) A maioria desses trabalhos se concentra no léxico, identificando regionalismos, nem sempre exclusivos do falar cearense. Mas boa parte deles se volta para o registro da pronúncia, analisando os fenômenos fonológicos que aqui ocorrem, embora também nem sempre de forma exclusiva. Nos comentários que se seguem, vamos destacar as pesquisas que a nosso ver melhores subsídios ofereceram sob **esse aspecto**. Nosso propósito, mais do que simplesmente resenhá-las, é o de traçar um percurso que nos permita... (AAC14 – artigo científico - Prottexto)

Em (1), “essa localização” retoma “a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso”. Sob o ponto de vista da remissão, essa expressão referencial se caracteriza como uma anáfora correferencial recategorizadora. Diferentemente, a expressão dêítico-discursiva encapsuladora “esse aspecto”, em (2), recupera todo o conteúdo proposicional do trecho “mas boa parte deles de volta para o registro da pronúncia, analisando os fenômenos fonológicos que aqui ocorrem, embora também nem sempre de forma exclusiva”, reintroduzindo-o como um novo referente para o discurso. Contudo, devemos dizer também que a expressão “esse aspecto” compartilha com os anafóricos a característica de remeter ao cotexto. Além disso, há, nas duas situações, o procedimento dêítico de refocalizar, realizado pelos pronomes *essa/esse*, respectivamente.

Além dos dêíticos discursivos (DD), outras situações acontecem em que uma mesma expressão desempenha, de uma só vez, funções típicas tanto de dêíticos quanto de anafóricos, como mostra o exemplo abaixo:

- (3) A gente acompanha a vida pública do País, e vem observando a queda do nível de nossos homens, a cada eleição. O movimento de 64 é responsável pela decadência política do Brasil, na medida em que cassou mandatos, baniu da vida pública e inibiu a formação de novas e vocacionadas lideranças. A subserviência e a bajulação assumiram o lugar da altivez e da decência, que eram apanágio de muitos dos cassados. A orfandade de líderes deixada por **aquele regime**, aliada à fome de poder dos que lhe faziam oposição, pregando bons costumes, liberdade e esperança de dias melhores, está causando muito mal ao País. (JoEd03 – editorial – Prottexto)

Dando a idéia de tempo distante, “aquele regime”, em (3), remete o leitor ao passado, pois toma como ponto de referência dêítico o tempo da situação extralingüística. Empregando o demonstrativo “aquele”, o autor aposta também na possibilidade de que o conhecimento do leitor sobre “o regime” vá além do que foi mencionado no texto. Simultaneamente, a expressão opera como uma AI, inferível a partir da pista cotextual “movimento de 64”. Nessa ocorrência, estabelece-se, portanto, uma dupla relação dêítica e uma anafórica.

Outra situação problemática é o já comentado *uso anafórico de um elemento dêítico*, conforme podemos constatar através do seguinte exemplo:

- (4) “Fui com o carro até o estacionamento e deixei-o lá.” (Fillmore, 1977:63)

Segundo Fillmore (1977), o uso anafórico de um elemento dêítico é o que pode ser corretamente interpretado quando sabemos que a expressão corresponde a um outro objeto, estabelecendo com ele uma relação de correferencialidade. O advérbio *lá* refere-se a estacionamento, uma palavra já mencionada no discurso, com a qual é correferencial. Porém, a escolha da forma *lá* foi motivada pela pressuposição do local onde se encontra o enunciador, o que não nos permite negar o caráter dêítico da expressão.

De acordo com Cavalcante (2000), o pronome circunstancial, em casos como (4), realiza uma remissão dupla, já que se refere a regiões já mencionadas no cotexto e, simultaneamente, aponta para um espaço físico da posição real dos interlocutores. Isso significa dizer que a expressão é anafórica e dêítica ao mesmo tempo.

Temos demonstrado, com essas evidências, que anáfora e dêixis não são fenômenos mutuamente excludentes. O exemplo abaixo constitui mais uma prova desse hibridismo:

- (5) Felipe e Rodrigo gostam de futebol; **este** torce pelo Inter, enquanto **aquele** torce pelo Grêmio. (Ciulla, 2002: 73)

A oposição de distância que se estabelece entre os pronomes *este/aquele* faz com que interpretemos “este” como sendo “Rodrigo”, que é o elemento mais próximo da última enunciação, e “aquele” como “Felipe”, que é o elemento mais distante. Isto é, dependemos da relação das expressões referenciais com a situação enunciativa para interpretar corretamente o enunciado. Este traço confere, pois, o caráter dêítico às expressões em grifo.

Podemos afirmar que “este” e “aquele” apresentam um comportamento semelhante ao dos dêíticos físico-textuais, como *o x anterior*; *o x seguinte*, etc., uma vez que marcam posições precisas dentro do cotexto. Todavia, não se confundem com os DD, pois não recuperam informações difusas. Comportam-se como anafóricos ao recuperar os elementos pontuais “Rodrigo” e “Felipe”.

A rigor, portanto, todas as expressões referenciais que dependem de fontes cotextuais e contêm elementos dêíticos, incluindo os DD, situam-se em uma zona de interseção entre a dêixis e a anáfora (conforme Ciulla, 2002), isto é, compartilham das características de ambos os fenômenos, constituindo, assim, expressões de herança híbrida. A diferença entre os DD e todos os outros casos de expressões híbridas, como nos exemplos (1), (3), (4) e (5), é que os DD funcionam como encapsuladores, enquanto que as outras remetem a entidades pontuais.

4. Sugestão de reclassificação

Tanto os dêíticos quanto os anafóricos apontam para um elemento ou porção do discurso, isto é, possuem um componente dêítico e, portanto, são elementos fônicos. Entretanto, nem todas essas expressões fônicas são necessariamente dêíticas, ou seja, nem todas mantêm o vínculo

com a situação enunciativa, que lhes daria um traço de subjetividade.

Dentre as características comuns à dêixis e à anáfora, parece-nos que é justamente a de subjetividade que tem gerado mais confusão entre os fenômenos, porque não se tem mostrado, na literatura sobre o assunto, o que define precisamente esse elo. Pode-se dizer que uma expressão que remete diretamente aos participantes do discurso, como *eu* ou *você*, é tão subjetiva, ou tão dêitica, quanto uma outra que apenas deixa subentendida a localização do falante, como *aqui*? E, por outro lado, pode-se dizer que uma expressão que pressupõe essa localização seja tão dêitica quanto uma que não pressupõe essa posição e apenas monitora a atenção dos interlocutores, como os DD?

É considerando essa variação que Cavalcante (2000) fala em diferentes graus de deiticidade. Mas, mesmo levando-se em conta uma escala de subjetividade, seria muito difícil, talvez até impossível, mensurar o grau de vinculação de todas as expressões com as coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e espaço, especialmente no caso dos DD.

Em vista de tais dificuldades, optamos por classificar as expressões referenciais de acordo com outro traço de distinção, no caso o parâmetro de remissão ou não-remissão a uma pista, ou um antecedente, do cotexto.

Nossa proposta de redistribuição dos elementos referenciais, com base nesse parâmetro, encontra-se exposta no diagrama da Figura 1. Note-se que, enquanto no grupo que não faz remissão ao cotexto encontram-se somente os dêiticos da situação extralingüística, no outro, apresentam-se dois subgrupos, de acordo com a característica de pertencer ou não à zona de interseção.

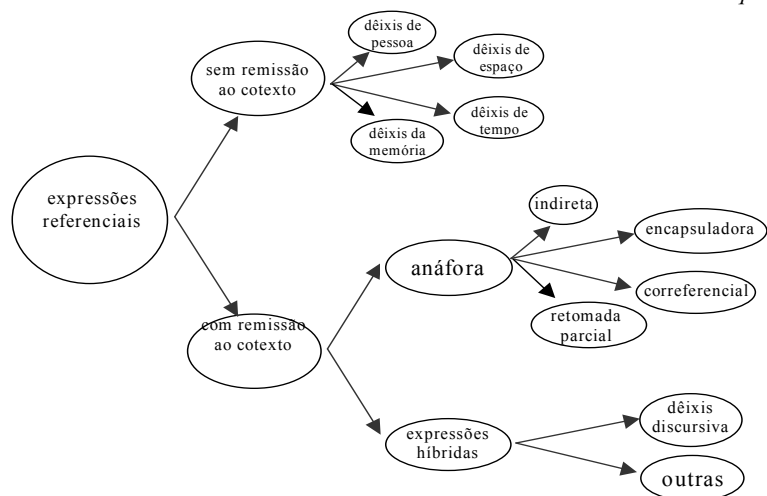


Figura 1 - Esquema de reclassificação das expressões referenciais

Entre os anafóricos, incluem-se as anáforas correferenciais com retomada total, as que realizam retomadas parciais, as encapsuladoras e as AI. Observe-se que o que separa os DD das outras expressões híbridas é a propriedade de retomar ou não objetos, que implica diretamente em identificar se há manutenção de referentes no discurso.

Referências bibliográficas

APOTHÉLOZ, D. *Rôle fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. 1995. 349 f. Tese de Doutorado - Université de Neuchâtel, Neuchâtel.

CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. 204 f. Tese de Doutorado em Lingüística - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CIULLA, A. *A referência anafórica e dêitica - com atenção especial para os dêiticos discursivos*. 2002, 104 f. Dissertação de Mestrado em Lingüística - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications, 1977

KOCH, I.G.V., MARCUSCHI, L.A. Processos de referência na produção discursiva. *Revista DELTA*, 14, n° especial, 1988.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: CelSul, 2000, Curitiba. *Anais...* Curitiba. No prelo.

MONDADA, L., DUBOIS, D. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. *TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)*, n.23, p.273-302.